



A princesa Isabel da Roumania cujo casamento com o principe Jorge da Grecia se vae realizar em breve
 (Cliché Chusseau Flavien)

II Série - N.º 425

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 13 de Abril de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Redação, administração, off. de composição e Impressão
 RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1420 cent.

Semestre..... 2840 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avulso. 10 cent.

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Gold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^A—84, Rua dos Fanqueiros 1.º — LISBOA



SOIS BAIXA mas podels crescer SETE CENTIMETROS em DOIS MEZES.

Basta consagrar 5 minutos cada dia ao **GRANDISSEUR DESBONNET**, o maior descobrimento do seculo em materia de cultura fisica. Pode-se crescer em toda a idade como o prova a experiencia f. lia perante a Com. Posição Medica pelo professor Desbonnet que tem feito crescer diversas pessoas de 40 anos sete centimetro em tres mezes sem droga e sem nenhum esse cido perigoso de enforcamento.



O aparelho e o método completo são enviados franco e se porie ao domicilio contra remessa de quarenta fra. cos dirigidos a Mr. Desbonnet, 48 N.º, Boulevard Poissonniere, Paris (France).
En. se vendeu este ano em Portugal mais de 1800 aparelhos. INCREDU-LOS seréis convencidos tendo o folheto explicativo illustrado (enviado gr. ts).

A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e DOAS MERCEARIAS.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



SAUDE, FORÇA, ENERGIA
Molestias dos Faltos quentes.

FERRO
QUEVENNE

CURA: ANEMIA, FERRES, DEBILIDAD;
Activo, agr.º, econ.º, inalteravel.
Istipr. Sello da "Union des Fabricants"

Sabonete preparado com os saes das Aguas

de **Vizella**

o melhor para a pelle

Comprem a seda

Suissa

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suissa desde Francos 1,25 o metro, etc. preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E II (Suissa)
Exportação de sedas.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

13-4-1914

N.º 425

Páscoa florida

Perfumam o ar lufadas bravas de primavera. A luz do sol, clara e fresca, dá-nos a impressão de que caminhamos debaixo de um grande palio doirado. Tudo explende. Tudo floresce. Tudo renasce. Ha risos nas bocas, amendoas nos regaços. Restos de foláres loiros dormem nas uchas velhas de castanho. Pisa-se alecrim pelos adros, pelos cruzeiros de Portugal. A sinfonia do rôxo canta por toda a parte: — na flôr pequenina do tojo agreste que eriça a lomba dos pousios; na liturgia catolica que cobre de rôxo o oiro hierático das cruces, dos báculos e dos sacrários; nas olaias que abrem em flôr, Avenida acima, como imensas cabeleiras rôxas, — e nos teus olhos, minha amiga, onde as olheiras poissam como as azas timidias de duas pequeninas violetas.



A arte e a escola

O monumento de Eça de Queirós, onde as mãos maravilhosas de Teixeira Lopes modelaram a figura nua da Verdade, appareceu ha dias coberto de areia, de lixo e de terra. Mandado limpar pela Camara, de novo o conspurcaram. Para evitar que o vandalismo se repetisse, foi preciso colocar um policia de guarda ao monumento. Contra quem se dirigiu semelhante atentado? Contra Eça de Queirós? Evidentemente, não. Contra a estátua. Contra a nudez. Contra a beleza. E' o odio instinctivo e formidavel dos incultos ás expressões vivas da beleza eterna. Os culpados d'esse odio não são eles; somos nós todos. Se nas nossas es-



colas, como nas escolas suecas, belgas e alemãs, se ensinasse o cul'lo da arte, se a creança portugueza fosse creada em plena luz, em pleno ar, em plena bondade e em plena beleza, — semelhantes atentados seriam impossiveis.

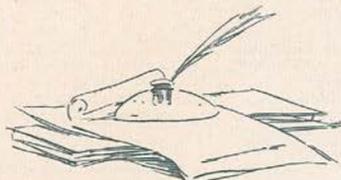
Toiros

Principiaram hontem as toiradas. Moscas, sol, fanfarras, sangue. Uma escola de força e de astucia, de picaria e de temeridade. Alguma coisa onde palpita m e resplandecem a alma da tradição e o orgulho da raça. Os restos da casaca de seda do Marialva, da estribeira de prata do Sedovem, das sapaterras de prateleira de D. Miguel. O melhor divertimento nacional, — dizem os ultimos defensores d'esse duelo anacronico entre a fêra-toiro e a fêra-homem. O que é lamentavel é que, n'um divertimento tão nobremente portuguez, — os cavalos sejam hespanhoes, os toiros hespanhoes tambem, e os bois das ganaderias de Hespanha...



Literatura brasileira

A literatura do Brazil não tem só admiraveis poetas. Não foi apenas no verso, ao mesmo tempo convulso e perfeito, lapidado e atente, que o gênio brasileiro encontrou a sua gloriosa expressão. Tambem na prosa, — cujas raizes, ricas de seiva, mergulham nas mais puras fontes da lingua portugueza. No «Rei Negro»,



do grande romancista Coelho Netto, honra da literatura americana, a prosa brasileira atinge uma amplitude, uma energia, uma força, um poder de orquestração, um esplendor de expressão verbal, uma audacia persuasiva, uma eloquencia dominadora, — que arrastam, que subjugam e que maravilham.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hypolite Collomb).



Brincar com o Fogo

DIOGO DE SÁ, o estudante, da illustre casa da Aveleira, era um estouvado rapaz de vinte anos, robusto e bem parecido, cuja presença na aldeia, desinquietando o escandalosamente o belo sexo d'aquelas redondezas, punha n'um vivo sobresalto numerosos paes de familia,

para os quaes a época das férias representava, em verdade, um pesadelo atrás.

Por então, o namoro era com a Marianinha do Eirajo, uma formosa trigueira de perfil arabe e lindos olhos de um negro avuladado.

Tinha dezoito anos e era, desde muito criança, orfã de pae e mãe, circunstancia esta de que talvez lhe resultasse uma vaga expressão de tristeza que habitualmente lhe pairava na fisionomia, onde o proprio riso chorava, por vezes, tanto como uma lagrima.

Encontram-se, pela v da fóra, creaturas assim, sobre cujas existencias a passagem do infortúnio parece haver deixado um rasto nebuloso que, para sempre, lhes empana a alegria.

Mariana era intelligente, possuindo, além d'isso, aquelle verniz de espirito que uma simples camponesa poderá adquirir, no aturado convívio de alguns anos com pessoas de uma primorosa educação. E' que, ao completar-se a sua orfandade, era a infeliz rapariga caridosamente recolhida n'um convento do Porto, como creada de certa aristocrata, a quem um desgosto de familia levára a fechar ali o seu destino.

Oito anos permanecera Mariana ao serviço da fidalga, de cuja morte lhe resultou o seu immediato regresso á aldeia, precisamente quando Diogo de Sá, tendo concluido os seus trabalhos escolares d'aquelle anno, ali vinha tambem passar uma longa temporada de férias.

Tinha o idílio já muitos dias de duração, quando, por uma calida manhã d'agosto, Diogo de Sá, tomando após o almoço, a sua inseparavel caçadeira, se dirigiu, mais uma vez, ao encontro de Mariana.

Evitára, como sempre, atravessar a aldeia, para se furtar á indiscreta observação do mulherio indigeno que logo o envolveria n'um apertado assedio de perguntas; e enfiando por um

estreito caminho que se talhava na espessura de um frondoso milharal, lá foi caminhando, através dos campos, em direcção ao local em que, d'ordinario, se realisavam as suas entrevistas com Mariana.

Diogo de Sá possuia ali uma grande propriedade de vinha e pomar, confrontando soberbamente com uma humilissima horta, cercada de verdejantes ramadas de videiras, por sua vez pertencentes tambem a Mariana.

Esta visinhança de dominios, favorecêra, como o leitor está vendo, as primeiras entrevistas dos dois amantes, dando-lhes certas apparencias de casualidade.

Quando, n'aquella manhã, Diogo de Sá ali chegou, havia Mariana apanhado já uma volumosa abada de couves que logo pousou sobre uma relva, onde começára de fazer um pequeno feixe que, a seguir, prendeu com um rudimentar vincêlho de giesta de que previdemente se fizera acompanhar.

— Bons dias Mariana—saúdara o estudante, abeirando-se, confiadamente, da interessante moça.

— Venha com Deus, Senhor Dioguinho.

E, esboçando um d'aquelles seus vagos sorrisos onde transparecia essa inconsciente tristeza que, não raro lhe ensombrava a expressão fisionomica, dirigia se ao recebendo n'estes extranhos termos, em que evidentemente se continha o fruto de uma seria reflexão:

— Senhor Dioguinho—inquiria—Vocelencia será homem para me fazer um favor?...

— O que me pedirás tu, Marianinha, que eu não possa fazer-te?

— E' que... ás vezes, ha cousas...

— Sim; mas dize lá o que desejas que eu te faça.

— Que nunca mais appareça onde eu estiver—respondeu Mariana, procurando dar ás suas palavras um certo tom de serenidade.

— E... porquê, meu amor!... que motivos poderei eu haver-te dado para assim me despedires; que mal te fiz eu, emfim?!...

— Nenhum, Senhor Dioguinho; mas, a falar a verdade, Vocelencia bem pode vêr que eu não sou fôrma do seu pé; e d'aí, estas nossas conversas só servem para dar que falar ás más linguas, e Vocelencia decerto não ha de querer fazer o meu descredito. Bem sabemos que isto não tem passado de uma brincadeira; mas, como já lhe disse, meus tios têm o meu casamento destinado com o Manoel da Fonte, e eu já agora, não queria faltar á minha palavra, nem sujar as barbas honradas do pobre rapaz e muito embora eu ande, neste particular, mais para fazer vontades, do que pela inclinação que me venha cá de dentro!...

— E n'essas disposições, terás coragem para realisar um semelhante sacrificio, indo ligar, para sempre, o teu destino ao de um homem de quem não gostas, só porque, como dizes, isso é do agrado de teus tios?!... Depois, sabes tu? o Manoel não passa de um lórpa, incapaz de apreciar os teus encantos, Marianinha... Lá na militancia, onde se encontra, decerto que outra mulher o deverá ter feito esquecer de ti...

— Oh! lá militares!...

— Isso é que não, Senhor Dioguinho: as cartas chovem, tanto para a gente d'ele como para mim; e em todas ellas o pobre rapaz suspira pelo dia em que o deixem passar á reserva. Lá

isso não... assim eu lhe quizesse, como ele me quer a mim...

—Muito me contas!

—Ora é por isso que eu lhe peço que me deixe, Senhor Dioguinho, porque estas nossas conversas acabariam por me fazer esquecer, de todo, o homem a quem prometi a minha mão de esposa... para me andar aqui a prender ao Senhor, de quem nada me é dado esperar, porque eu como já lhe disse... não sou mais do que uma pobre de Cristo...

—Oh! mas tens uns olhos que para mim valem mais do que todas as riquezas que tu possas imaginar!

—Ih, Jesus! cale-se p'r'ahi não esteja ainda a fazer caçoadas...

—Não vês que te adoro, Mariana?!

—Como às outras...

—Como a mais ninguém, juro-te!

—Ai, ai! Quem mais jura mais mente. Eu sim que lhe quero tanto como á vista dos meus olhos!—declarou Mariana, envolvendo o simpatico moço n'um apaixonado olhar.

—Oh! diga-me outra vez essas palavras—pe-

dois amantes se entregaram simultaneamente ás mais intimas reflexões.

Entretanto algumas grossas nuvens que, desde a madrugada, se accumulavam no horizonte, para o lado da aldeia, haviam-se elevado assustadoramente no espaço que, para aquela banda, se fóra tingindo gradualmente de um negro espesso, interceptando já, um tanto, a clara visão do distante povoado. A escuridão, ouvia-se, sinistro ao longe, um prolongado rolamento de trovões, cuja resonancia ia vertiginosamente aumentando de intensidade; zigzagueava o raio no escuro horizonte, e algumas grossas pingas d'agua assinalavam ruidosamente a sua queda, de encontro ás amplas folhas das videiras.

—Precisamos recolher-nos—alvitrou o academico.—E não temos tempo a perder—acrescentou, vendo que a chuva apertava.

A propriedade de Diogo de Sá, possuía uma pequena casa cercada de sabugueiros, e destinada a recolher os trabalhadores, quando surpreendidos pela chuva, durante as horas do serviço.

A porta já nem fechadura tinha, pelo que se



diu sinceramente o academico, no qual as seduções de Mariana, diga-se em abono da verdade, haviam originado uma autentica paixão amorosa.

—Sim, quero-lhe tanto que o meu regalo seria estar sempre, assim á sua beira, a vê-lo e a ouvir a sua fala!... Ai quem me dera que o senhor fosse um pobre com a mim!...

—Pois, Mariana, só tu serás a minha mulher —Ih Jesus, o que vae dizer, sr. Dioguinho! Isso seria um grande desgosto para a sua familia. Não, não diga tolices: cada um é p'ró que nasceu.

—Não tardarei a ser medico, Mariana, e levar-te-hei então comigo para outra terra. Verás como tudo se arranjará.

—Oh! mas eu não posso continuar a ouvi-lo. Essas promessas só servem para me pôr mais doída do que eu já andava pelo senhor. Cale-se; não me diga mais nada hoje.

Fizera-se um transitorio silencio, em que os

tornaria facil aos dois amantes a sua entrada ali.

Um relampago, a que se succedera logo uma forte descarga electrica, assustára a Mariana que, soltando um grito, se agarrou ao seu companheiro.

—Vamos, vamos, menino! —implorára ela. Enfiando lhe o braço, Diogo de Sá corréra com Mariana em direcção ao pardeiro, onde penetraram, ao desencadear-se, no interior, uma formidavel saravada, que no telhado produzia um ensurdecedor ruido.

Uma nova descarga, mais forte do que as anteriores, precipitára Mariana nos braços do estudante que, apertando-a, com ternura, lhe dirigia algumas palavras com que procurava incorajar a pobre rapariga.

—Não te assustes, meu amor—dizia-lhe elle—que isto vae passando; não vês como já está um pouco mais distante de nós?

Ai, sr. Dioguinho, que grande medo que eu tive! exclamara Mariana, tremendo ainda:

—Se o senhor aqui não estivesse eu morreria com certeza, de susto, tão certo como nós es.

ramos aqui, á mercê de Deus. *Crêdo!* — acrescentou — Ainda nem sequer estou em mim; parece que até as pernas tenho adormecidas.

— Sentemo-nos um pouco — propôz o academico, encaminhando-se com Mariana para uma das faces do pardieiro, onde se erguia um pequeno monte de vides sêcas.

— Estás bem assim, minha querida? — inquiriu Diogo de Sá, tomando, brandamente, a mão de Mariana.

— Sim, respondeu-lhe esta, envolvendo o seu protetor n'um adoravel sorriso de reconhecimento.

A tempestade rugiu agora muito ao longe; por um buraco do telhado penetrara reconciliadoramente uma doirada restea de sol.

— E o medo, já passou?... — Já.. — fez ella, apertando, naturalmente, a mão com que Diogo de Sá havia, momentos antes, tomado a sua — mas vamos embora...

— O quê?!... — extranhou o academico — pois será possível que já me não queiras bem?!... — E cingindo-a, pela cintura, os seus rostos aproximaram-se tanto que quasi se iam tocando.

— Quero sim!... — declarou Mariana, tremula de comoção — quero-lhe tanto como a esta luz que nos alumia; mas o senhor é que, em che-



gando ali alem, nunca mais pensa em mim...

— Impossivel! — declarou o estudante, colando, n'um grande beijo, os seus labios nos de Mariana, que como louca o abraçava e beijava tambem pela primeira vez.

Quando os dois amantes saíram do pardieiro, já se avistava claramente a aldeia.

Era meio dia e o sol glorioso, lá do vertice da sua elevada trajetoria, ia lentamente enxugando os prados e as searas, onde a erva e os malmequeres, o trêvo e as papoulas parecia haverem redobrado a intensidade policroma dos seus esmaltes.

N'um silveiral espesso, assobiava alegremente um melro; pelas sebes e arvores dos pomares, esvoaçavam, chilreantes os pintasilgos, n'uma alegre compita com um numeroso côro de rãs que, lá em baixo, pelas margens d'um regato, coachava, doidamente, na fresca espessura dos juncos e canaviaes.

Toda a natureza ria e cantava, alegremente, como se, com o brilho das suas galas e com a harmonia dos seus hinos ella quizesse celebrar condignamente a doce felicidade d'aquella manhã de nupcias.

Foz. ALEXANDRE MALHEIRO.



Palmira Torres

E' uma das nossas atrizes mais talentosas, ilustradas e de poderosa intuição. No desempenho de todos os seus papeis revela sempre um estudo consciencioso que a identifica admiravelmente com a personagem, sejam quaes forem os sentimentos que a caracterizam. Com a mesma realidade flagrante com que se encarna ingenuamente n'uma creança, cuja alma ainda mal desabrocha ao sopro tépido do amor, vibra intensamente sob o imperio das grandes paixões.

Palmira Torres é já uma figura gloriosa do teatro portuguez. A' inteligente compreensão e ao amor da sua arte junta ela uma rarissima qualidade que a torna adoravel: é a de nunca perder a sua linha delicada e distinta de mulher mesmo quando a atriz tem de fingir que não a possui.



(«Cliché» Furtado & Reis.)

Etelvina Serra

Etelvina Serra que saiu do Conservatorio ha anos com uma classificação distinctissima dedicou-se á opereta onde a sua graça de mulher, a sua linha de *mignonne*, a sua voz fresca lhe deviam procurar o mais legitimo dos sucessos.

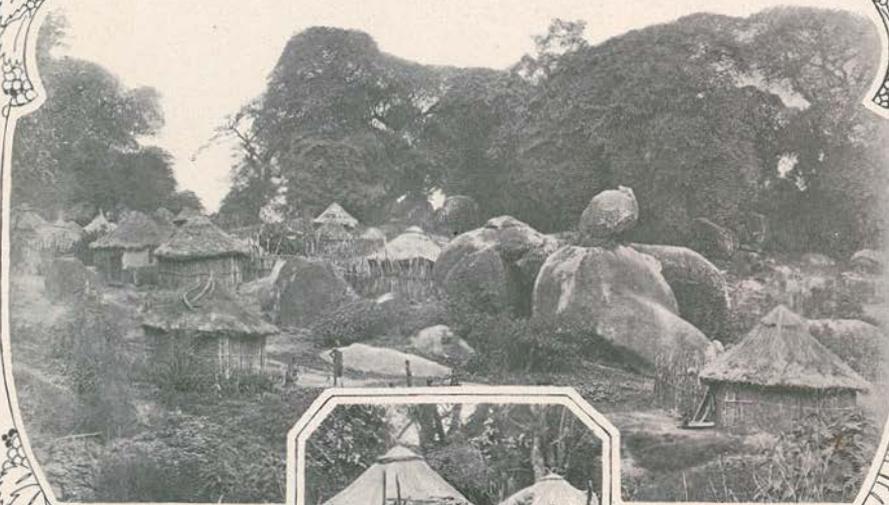
Ficou porém a comedia e sobretudo o que ha n'essas peças de ligeiro e de agradável sem uma interprete que n'ela se salientaria da maneira mais notavel, pois sente-se n'essa esbelta atriz toda a vocação para esse genero, o que se marca absolutamente na maneira como tem interpretado no teatro Avenida, onde prosegue na sua brilhante carreira, os mais difice s papeis nas lindas e interessantes operetas modernas ali representadas.

Ultimamente ainda isso se confirmou com a interpretação da peça *Amor de Zingaros*.



(«Cliché» Fot. Vasques.)

Os canibaeos no interior de Benguela



O gentio no interior da provincia d'Angola e sobretudo na região de Galangue conserva ainda singulares costumes que ha de ser difficil fazer-lhes perder, tanto mais que os teem como religião n'um fetichismo verdadeiramente selvagem.

Em honra do feitico 2. da embala em certa

1. Um trecho da embala de Galangue entrada da sanzala do regulo de Galangue com os seus fetichos arvorados.

epoca do ano matam-se dois negros d'outra tribu que são caçados e engordados tres mezes antes, sendo a sua carne cozinhada juntamente com a d'um boi e depois comida pela população. N'outra epoca fazem egual cena canibalesca a fim das abelhas entram nos respectivos corticos. Tres europeus que



3. Um batuque annualmente realizado na Ilbata de Calunda comemorando o falecimento d'um sovêta.



Cercado em redondo no centro do qual se vê uma pedra, onde anualmente se corta a cabeça a dois indígenas caçados fóra da região tres mezes antes e durante os quoes os engordam para os comerem com carne de boi que é cozinhada ao mesmo tem,o no dia da festa do dia da embala.

residem proximo da embala de Galangue, cujo soba é um verdadeiro potentado, garantem a verdade d'este extranho ritual.

Proximo existe o posto militar de Cubango não tendo os militares que o guarnecem interferencia alguma na modificação dos costumes dos indigenas.

Quando morre algum n'aquela região faz-se um grande baile, um batuque em que tomam parte todos os subditos do regulo obedecendo-se a varias praxes com o pessoal da libat).

Proximo do rio Guando ha uma missão catolica, a do Huambo, que trata muito de perto com os indigenas.

Um moinho para fabrico de farinha da colonia trabalha com as aguas do rio ali a dois passos da tribu canibalesca ainda e que vive n'aquela admiravel paisagem.

Com effeito, aqueles aspéto da região são na realidade interessantes, havendo verdadeiras maravilhas de pontos de vista e trechos so-

berbos em p'ena floresta. O logar das execuções no segredo dos bosques com as suas vedações de arvoredos com a sua pedra de sacrificio, é no meio d'essa florida paisagem a nota brutal

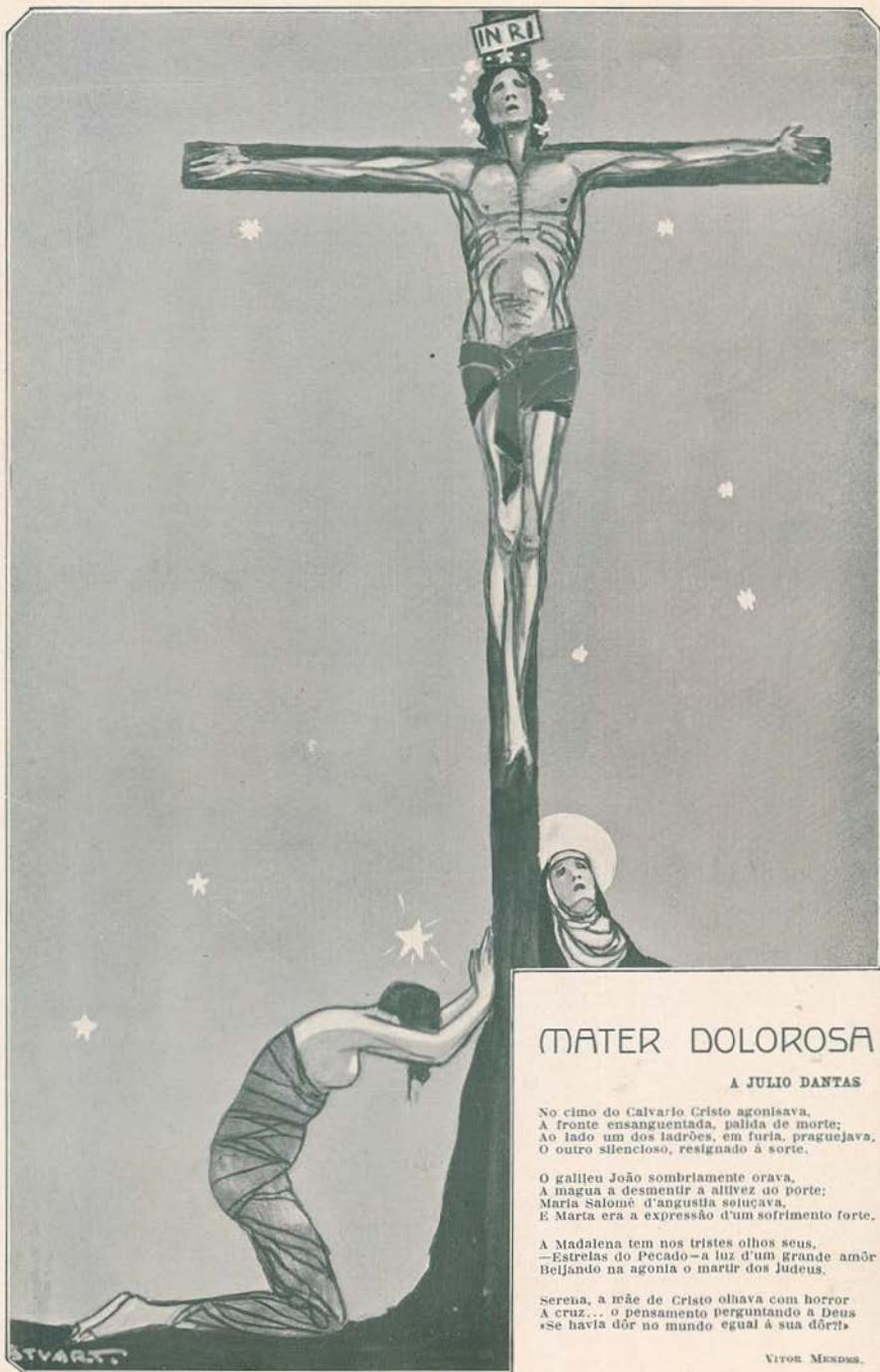


Uma queda d'agua no rio Guando onde se vê um moinho pertencente á missão catolica.
(«Cliches» do sr. Batista dos Santos, distinto fotografo amador)

deu tanto aos civilisados como aos selvagens.

de como o homem macula sempre aquilo que a natureza





MATER DOLOROSA

A JULIO DANTAS

No cimo do Calvario Cristo agonisava,
A fronte ensanguentada, pallida de morte;
Ao lado um dos ladrões, em furia, praguejava,
O outro silencioso, resignado á sorte.

O galileu João sombriamente orava,
A magua á desmentir a allvez ao porte;
Maria Salomé d'angustia soluçava,
E Marta era a expressáo d'um sofrimento forte.

A Madalena tem nos tristes olhos seus,
—Estrelas do Pecado— a luz d'um grande amor
Beijando na agonia o martyr dos Judeus.

Sereia, a mãe de Cristo olhava com horror
A cruz... o pensamento perguntando a Deus
«Se havia dor no mundo igual á sua dor?»

VITOR MENDES.

O sr. dr. Afonso Costa no Porto



A sala do banquete no Palacio Cristal antes da chegada dos mil duzentos e oitenta convivas.

(«Cliché» da Fotografia Comercial de J. C. Barros, Porto).

Um quadro de Alfredo Migueis



Longe...

(«Cliché» Jean).

No cumprimento do dever de pensionista do Estado no estrangeiro, o sr. Alfredo Migueis acaba de enviar para Portugal um quadro que a direção do museu de Lisboa se apressará sem dúvida a acolher com alegria.

É uma grande tela que o autor intitulou *Longe...* Em redor da mesa onde se vê uma carta desdobrada, uma família humilde medita com tristeza. Não foi por certo uma notícia alarmante que essa carta lhes trouxe. Mas é a saudade que ela veio reavivar que todo: esses olhos tristes refletem.

De modo que a bem dizer, a principal figura d'esse quadro é precisamente aquela que os nossos olhos não vêem ma que domina tudo: é a figura do ausente moirando n'uma terra distante e confessando aos seus n'essa carta que se adivinha melancolicamente a dor de os saber



Sr. Alfredo Migueis

(«Cliché» Barros & Galamas)

tão longe... As figuras d'esse quadro são admiráveis de expressão. Conhece-se que o autor, cujas simpatias d'artista vão por certo aos grandes mestres da Hespanha e de Flandres, está seguro já do seu processo e é capaz de nos dar por via d'ele alguns trabalhos superiores.

O sr. Migueis, que fez um curso distinto na Escola de Lisboa e seguiu os conselhos de Columbano, vai sem dúvida ocupar um lugar de destaque entre os primeiros dos pintores portuguezes

d'este tempo,

E, se a minha voz pudesse ter alguma autoridade junto d'esse artista que começa já com a garantia de tão belas e tão raras qualidades, eu pedir-he-ia que cuidasse sempre de ser simples e sincero na sua arte, isso o fará, sem que ele mesmo se aperceba, ser original.

Paris.

P. O.

Dos grandes bailes da Figueira da Foz e de Buarcos



Sr.^{as} D. Natália Gomes Pinto e Maria A. Simões, que ganharam premio, vestidas de ciganos.

As sr.^{as} D. Natália Gomes Pinto e Maria A. Simões vestidas de chinezas.



A sr.^a D. Alice Costa que com seu lindissimo traje antigo obteve um dos premios.



Na Exposição de quadros do distinto pintor sr. Leopoldo Battistini no salão da *Ilustração Portuguesa*: O artista com o cav. Lolacano ilustre encarregado dos negócios d'Italia e que inaugurou a exposição.—(«Cliché Menolle»).

A HOMENAGEM À MEMORIA DE GUILHERME GOMES FERNANDES

O Porto teve sempre uma admiração sem igual pelo arrojado bombeiro que foi Guilherme Gomes Fernandes. Verdadeira gloria da capital do norte foi o organisador dos serviços de incendios e o homem que deu sempre altos exemplos de bravura.

Passados anos sobre a sua morte tão sentida os portuenses, que lhe honraram o funeral n'uma imponentissima manifestação de saudade, foram assistir á collocação da primeira pedra do monumento que lhe vae ser erigido.

Antes, porem, realisou-se uma parada de delegados de bombeiros de todo o paiz que foram prestar a homenagem á memoria do que entre eles foi dos mais insignes.

No quartel que tem o seu nome



O busto de Guilherme Gomes Fernandes
(«Cliché» da fotografia Agulha de Araujo e Paul).

fez-se essa formatura havendo tambem outra da Cruz Vermelha, seguindo-se-lhe a sessão solene no vasto hall do Apolo Terrace onde fôra collocado o busto do bombeiro e onde falaram, diante de representantes de todas as classes da capital do norte e do elemento official os srs. drs. Angelo Vaz e Afonso Costa.

Pouco depois na praça Gomes Fernandes começava a cerimonia da collocação da primeira pedra d'esse monumento sendo tambem descerrada a lapide onde está escripto o nome do illustre portuense.

No local onde foi collocada a pedra falou o sr. dr. Pereira Osorio sendo o sr. dr. Afonso Costa quem lançou a argamassa batendo tambem com o martelo assim como o sr. dr. Lopes Martins que pronunciou algumas



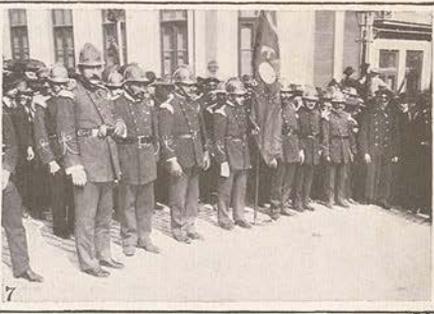
O monumento a Guilherme Gomes Fernandes: O sr. dr. Pereira Osorio, discursando por ocasião do lançamento da primeira pedra.

(«Cliché» Alvaro Martins).

palavras de elogio á memoria do prestimoso cidadão, cuja recordação ali se ia perpetuar. A' noite houve recita de gala no Apolo Terrasse assistindo grande numero de membros do



Partido Democratico que tinham tomado parte no banquete de homenagem ao seu chefe o qual se realisara na vespera no Palacio de Cristal, trocando-se afetuozos brindes.



Na cerimonia do lançamento da primeira pedra do monumento a Guilherme Gomes Fernandes: 1. O comandante dos bombeiros municipais de Gafa com o seu ajudante e o jornalista sr. Eduardo Ribeiro.—2. Os bombeiros voluntarios de Porto.—3. Os bombeiros municipais de Porto.—4. Os bombeiros voluntarios de Lisboa.—5. Os bombeiros municipais de Lisboa.—6. Os bombeiros voluntarios de Braga.—7. Os bombeiros voluntarios de Ovar.

M.^{me} Caillaux e sua madrinha M.^{me} Costa Lobo



tendo vindo ambos residir ha 25 annos para Portugal por conselho dos medicos. O sitio por elles preferido foi Vidigal, no concelho de S. João da Pesqueira, terra da naturalidade do marido e a illustre dama franceza tanto se afeicou áquele delicioso recanto do nosso paiz que ficou ali axiomatico o seu dito «ou Paris ou Vidigal.»

Ha 7 annos que «madame» Costa Lobo enviou e vive retirada na sua quinta da Tranqueira, presa ás lembranças saudosas do marido, cujo cadaver jaz no Vidigal á espera de ser trasladado para o jazigo de familia do Alto de S. João, devendo só então a boa senhora vir para Lisboa, acompanhando sempre depois de morto aqúelle a quem tão boa companhia fez em vida. E em Lisboa possui ella, com os herdeiros de seu cunhado, o belo predio onde hoje mora o patriarca dr. Mendes Belo. Foj ao illus-

Não morrem ainda tão cedo os ecos d'esse lance sangrento, que com uma rapidez fulminea, increditavel, roubou á França um dos seus jornalistas mais distintos e atirou para o fundo do carcere uma das mais distintas figuras da mulher da primeira sociedade parisiense. Tudo o que se relaciona com madame Caillaux, com os seus afetos, com as recordações dos seus tempos felizes, continua a ter vivo interesse e quem sabe se ainda o continuará a ter depois dos tribunaes se pronunciarem sob o ato que ella praticou!

Ora, vivendo em Portugal sua madrinha de batismo, seria interessante ouvi-la e obter quaesquer fotografias que contrastassem pelos seus aspéctos de innocencia, de tranquillidade e de ventura, com o luto mortificante de que a desgraça a cobriu. A madrinha de «madame» Caillaux, nascida Henriette Josephine Raignonard, é «madame» Josephine Costa Lobo, viuva do dr. Francisco Antonio de Sousa Costa Lobo, com quem casou por amor em Paris e viveu sempre unida pelo maior afeto.



1. Madame Josephine Costa Lobo, viuva do sr. dr. Costa Lobo e madrinha de Madame Caillaux. — 2. Sr. dr. Francisco Antonio de Sousa Costa Lobo, falecido em 1906. — 3. Na quinta da Tranqueira: Madame Costa Lobo e a sua afilhada sr.^a D. Isaura Luz, vendo-se de pé o distinto medico de S. João da Pesqueira, sr. dr. Teofilo Bernardes. — (Cliches do illustrado correspondente do *Século*, sr. Antonio Alfredo de Oliveira).



1 e 2. Fotografias de Madams Calliaux quando tinha 1 e 5 anos de idade. (Clichés C. Penahert e Fotografia Franc)



3. Madams Rainonard, mãe de Madame Calliaux.
4. Mr. Henri Rainonard, pai de madams Calliaux. (Cliché Ogerau)



3, 6 e 7—Madams Calliaux em 1899 (Cliché Liebret) e Léo Claretie, seu primeiro marido. (Cliché Walery), com suas filhas Susana Claretie, falecida aos 6 anos e Germaine Claretie que ainda vive (Cliché des Grands Magasin du Louvre)



8. Madams Calliaux em fevereiro passado (Cliché H. Manuel)



9. Mr. Calliaux (Cliché As de Tiéne)



Madams Calliaux saindo do Juízo de Instrução criminal. (Cliché Miroir-Photo)



O funeral de mr. Calmette, diretor do «Figaro», morto por Madams Calliaux (Cliché Chussen-Flaviens)



Madams Calliaux na tranqüillidade do seu lar (Cliché H. Manuel)

trado e solícito correspondente do «Seculo» em S. João da Pesqueira, sr. A. Alfredo de Oliveira, que também é um distinto fotografo-amador, que recorremos para nos conseguir da madrinha de Madame Caillaux os informes interessantes e fotografias que publicamos, desempenhando-se ele gentilmente d'essa missão, graças á cativante apresentação de um dedicado amigo da casa,

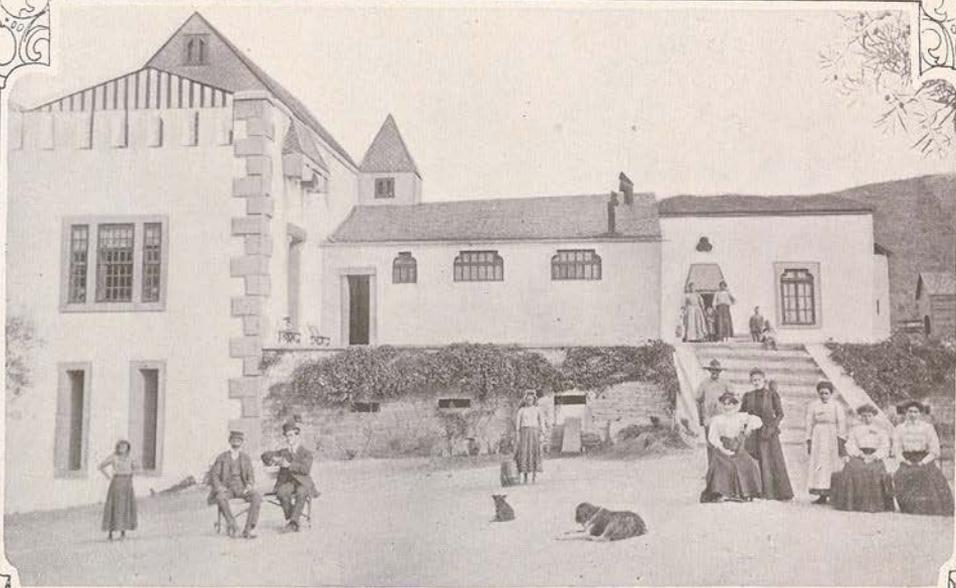


o illustre clinico sr. dr. Teofilo Bernardes. M.^{me} Costa Lobo tem 71 anos conservando ainda muita elegancia, distincção e traços nitidos da sua formosura. E' ainda admiravel a sua dentadura. Nunca sofreu uma dor de dentes! Não tem na quinta pessoa de familia; n'aquela formosa residencia senhoria vive só com as suas creadas e por vezes com uma ou outra afilhada que a visita. A sua companhia habitual é o *Jaccond*, um papagaio interessante, que ela tem em muita estima. O ato de louco desespero de M.^{me} Caillaux affigiu sua madrinha, como bem se pôde calcular. A proposito d'ele recorda a bela posição social e a fortuna da familia

altamente religiosos e caritativos a fizeram eleger presidente de uma associação de Irmãs de Maria. O seu casamento com Mr. Léo Claretie não foi como o sentimento da mãe, que teve sempre a preocupação de que não se desviasse de dar bem, visto ele viver no meio teatral, tão cheio de seduções para os homens; e não se enganou porque, passados 16 anos, havendo esse casamento duas filhas, Madame Claretie separou-se do marido tornando-se mais tarde de Madame Caillaux.

Madame Costa Lobo está intimamente convencida de que sua afilhada não matou o diretor do *Figaro* com premeditação. Poucos dias antes recebera ainda uma carta em que ella lhe prometia vir em breve a Portugal passar uns dias na Tranqueira e matar vivissimas saudades, visto que a madrinha estremecida não podia ir a Paris apesar de tanto lh'o haver supplicado.

E, quando esta, coitada, esperava, de momento para momento, vê-la entrar de braços abertos, uma reviravolta brutal da sorte balançou-a --



1. Madame Costa Lobo, tendo sentadas á sua direita as suas afilhadas, sr.^{as} D. Isaura Luz, com o «Jaccond» pousado no braço, e D. Ernestina Batista, e em pé o sr. Antonio Alfredo de Oliveira, correspondente do *Seculo*. No grupo vê-se tambem parte do pessoal da casa. (cliché do sr. Antonio Alfredo de Oliveira). — 2. A vista da casa da Tranqueira do lado do poente, oferecida por madame Costa Lobo á sr.^a D. Aurora Bernardes, sua comadre. (cliché de sr. Carlos F. Silva).

Rainonard e a educação esmeradissima que teve Henriette Josefine, hoje M.^{me} Caillaux, cujos sentimentos

sabe Deus porquanto tempo! — no fundo de uma prisão!

Figuras e Factos



1. G. da Cunha Freitas e Almeida capitão de Infantaria, um dos mais distintos officiaes do nosso exercito e chefe do estado maior nas operações contra o gèntio do Congo.

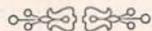
2. Mr. Jules Miclot.

Mr. Jules Miclot, atualmente professor de esgrima no *Grupo Armas e Sport* do Porto—é um dos mestres d'armas francezes de mais cotação no meio esgrimistico parisiense.

Graças a ele vão-se realizar em breve na capital do norte interessantissimos *matches* de esgrima.



3. Alguns artistas da companhia portugueza dos actores Gomes & Grilo n'um pic-nic em Caixa d'Agua em Araraquara, S. Paulo. (Cliché Alberto Vieira, de Campinas).



O embarque para Lourenço Marques do novo governador geral de Moçambique general sr. Joaquim José Machado. (Clichés de Benoiel)



O sr. dr. Afonso Costa com os srs. drs. Germano Martins e Correia Mendes á saída do Centro Democrático de Castelo Branco, quando da sua última viagem.

dades da grande republica crearam varias coletividades desportivas sendo uma das principaes o *Sport Club Lusitano* de S. Paulo que tem já obtido victorias em *mitchs de foot-ball* contra outros grupos brasileiros e compostos tambem por inglezes e alemães.

O *sport* tem-se desenvolvido imenso por toda parte e em Portugal conta numerosissimos adeptos. Assim como os inglezes quando saem da sua patria para se fixarem em diversos pontos da terra desde logo tratam d'arranjar os seus clubs e campos de *sport* tambem os portuguezes vão fazendo o mesmo nos logares onde se encontram.

Ha ja utilissimas instituições d'este genero na Africa portugueza com grande numero de socios e tambem na India. No Brazil os portuguezes residentes em algumas locali-



O sr. dr. Afonso Costa, no largo de S. João, em Castelo Branco, com o srs. drs. Gastão Correia e José Borges

A prestimosa coletividade é muito apreciada no Brazil tendo ali recebido provas d'imensa simpatia.



3. Diretoria provisoria do «Sport Club Lusitano» com sede em S. Paulo (Brazil): 1. Srs. Joaquim Dias, da comissão de contas.—2. Dario Alves Roças, 2.º secretario.—3. Antonio Valente, «captain» do 2.º team.—4. Gonçalves Paratita, 1.º secretario.—5. Joaquim Lino, «captain» 1.º team.—6. José Colmbra, presidente.—7. Joaquim Seabro Rangel, da comissão de sindicancia.—8. Almirro Andrade, 1.º tesoureiro.—9. Manuel de Souza, diretor esportivo.—10. Flavio de Carvalho, procurador geral.—11. José Lucio de Figueiredo, da comissão de sindicancia.—4. «Sport Club Lusitano: O valoroso 2.º team» que muito tem auxiliado o 1.º nas victorias alcançadas pelos portuguezes sobre brasileiros, no «foot-ball».—5. O 1.º team» que sobre os clubs brasileiros, tem obtido repetidas e brilhantes victorias.

FIGURAS E FACTOS

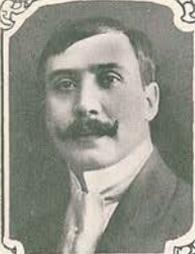
Alberto Pimentel, o illustre escritor que tantas paginas brilhantes tem dado á litteratura portugueza, de ha muito se recolheu a um silencio penalisante. As suas ultimas obras, que tanto tinham agradado como os livros eruditos publicados no periodo intenso da sua actividade, estavam ainda na memoria de todos, mas lamentava-se a ausencia do escritor no combate de sempre. Finalmente reapareceu com um poema heroico comico cheio de graça e que se intitula *Pena de Talião*.



As obras de Teixeira de Queiroz, o illustre autor d'esse livro flagrantissimo que se intitula os *Noivos*, teem todas mais de uma edição chegando algumas á quinta e á sexta o que, com o nosso mercado, afirma a corrente para com o romancista que acaba de dar á publicidade a segunda edição dos seus primeiros contos.

Teixeira de Queiroz, que ainda ultimamente obteve um grande successo

com as *Cartas d'Amor*, conseguiu agora um novo triunfo.



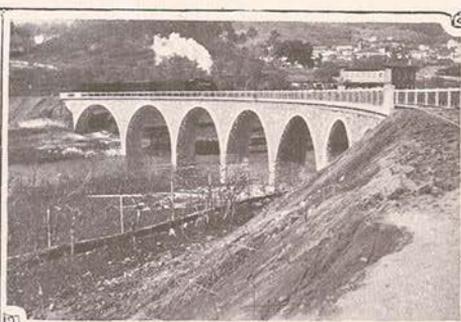
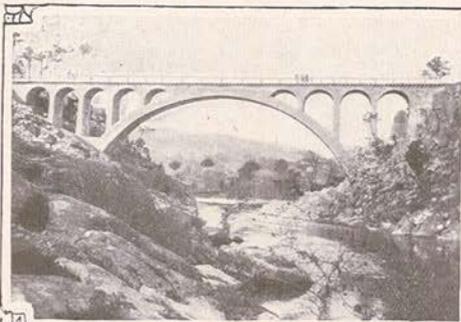
Na geração nova Souza Costa impoz-se como romancista com as paginas vivas dos seus livros onde perpassa sempre uma singular emotividade dada n'uma facil e elegante linguagem. O romancista escreveu tambem um volume de contos encantadores intitulado *Excentricos*, cuja segunda edição acaba de ser publicada. Souza Costa continua sempre trabalhando com seu grande

de merecimento que o tem feito vencer no nosso meio litterario.

O ultimo livro do poeta illustre que é o sr. Teixeira de Pascoaes chama-se *Verbo Escuro* e representa uma modalidade do seu talento originalissimo. E' mais um livro editado pela *Renascença Portuguesa* cujos grandes serviços ás letras de dia para dia mais se afirmam com o lançamento no mercado d'obras como as de Teixeira de Pascoaes e da pleiade brilhante de poetas que o acompanha n'este movimento de renascimento litterario.



1. O illustre escritor Alberto Pimentel. — 2. O illustre escritor dr. Teixeira de Queiroz. — 3. O distinto romancista Souza Costa. — 4. O distinto poeta Teixeira de Pascoaes. — 5. No julgamento dos sr. general Fausto Guedes, capitão de mar e guerra Soares Andréa, tenente Pimentel, dr. Lomelino de Freitas e varios sargentos, cabos e soldados acusados de participação no complot de 27 d'abril. (Cliche de Benoitel)

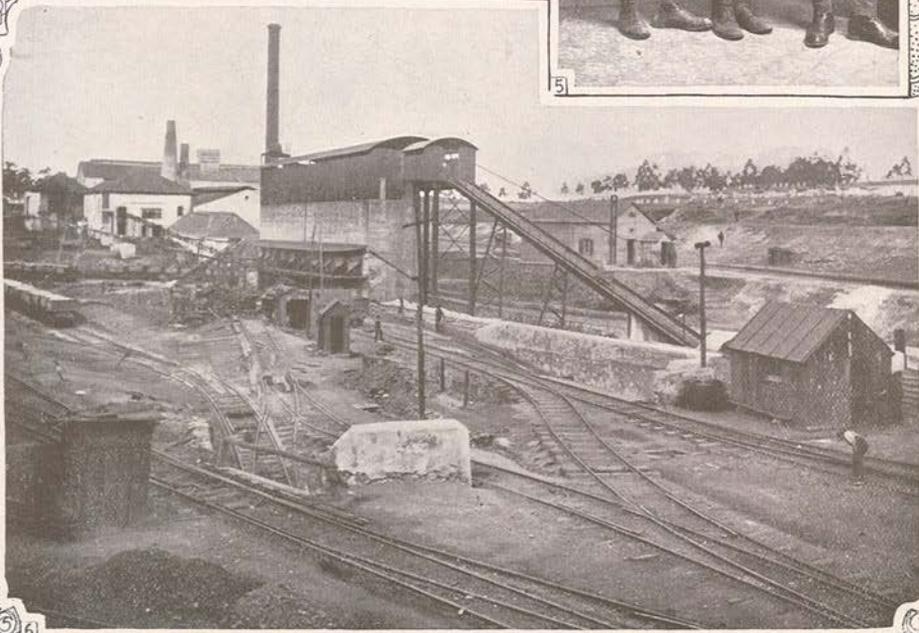


O novo engenho da mina de S. Domingos é movido por um motor eléctrico da força de 100 cavalos que extrai todo o mineral da contramina e parte das costas, em quanto o engenho antigo, ainda em uso, só tira o mineral das costas.

Saem em média da Mina de S Domingos 400.000 toneladas de minério por ano, podendo o novo engenho, caso as necessidades o exijam tirar muito mais. O custo do novo processo de extração foi de 25:000\$000 réis e em 3 anos estará ganho o capital empregado.



3. Sr. Miguel Augusto Ramos antigo tipogafio da Imprensa Eacional e um dos fundadores da Associação Tipografica, falecido em Lisboa.—4. Sr. José A. Pancada, farmacêutico falecido em Lisboa.



1 e 2. Ponte do Pêgo sobre o rio Vouga e que liga a estação de S. Pedro do Sul com as termas a qual foi construida pela Companhia do Caminho de Ferro de Vale de Vouga.—(«Cliche» do distinto amator sr. Manoel Borges).—3. Os «globe-protectors» portuguezes que vão dar a volta à Africa do sul Inglesza, srs. A. Machado, J. Teixeira e F. Santos.—6. O novo engenho, corda sem fim para extração de minério na mina de S. Domingos.—(«Cliche» do distinto fotografador amator sr. Antonio Mauricio de Vargas).

Festa da arvore



Espalhando arvores destinadas a diversas localidades

A festa da arvore continuou por todo o paiz a realizar-se com a mesma pompa e o mesmo entusiasmo. As creanças das diversas escolas e os respectivos professores, assim como elementos officaes de todas as categorias, auxiliaram valiosamente os trabalhos que o *Seculo Agricola* fez no sentido de dar uma grande unidade a essa magnifica e util cerimonia.

A Marinha Grande foi um dos pontos de Portugal onde mais cuidados se dispensaram n'essa festividade sendo tambem enviadas d'ali muitas e esplendidas arvores para varias terras do paiz onde irão frutificar e dar sombras, plantadas pelas mãosinhas infantis.



Na Marinha Grande: Arrancando arvores no viveiro.
(«Clichés» do sr. João de Magalhães).

Em Vila Real, Marinha Grande e Frielas



Vila Real também viu passar nas suas ruas principais um cortejo luzido de escolares, professores e muito povo que foram até ao lugar onde se plantou a árvore tendo sido enaltecida a propaganda de tão útil



iniciativa agora definitivamente adotada em todo o país.

A lindíssima povoação de Frielas também realizou a sua festa da árvore com todo o brilhantismo e entusiasmo.



1 e 2.—Em Vila Real: O desfile do cortejo na Avenida Almeida Lucena, em frente do quartel de infantaria n.º 13. No local da plantação: O Inspector escolar sr. dr. Domingos Costa fazendo um brilhante discurso às creanças («Clichê» do distinto fotógrafo amador sr. A. Vieira Claro) 3—Uma carroça conduzindo arvores na Marinha Grande («Clichê» do sr. João de Magalhães) 4—A festa da árvore em Frielas («Clichê» do distinto fotógrafo amador sr. Manuel Batista Ribeiro)

A Festa da Arvore na Tutoria da Infancia

A Tutoria da Infancia é uma instituição onde se pretende redimir os pequenitos encontrados por essas ruas. Chamam-lheo *Refugio* e com efeito alimuitos desditosos encontram o amparo porque um grupo de creaturas altruistas vela com o governo da Republica. Foi uma admiravel idéa essa de proporcionar aos pequenitos uma tranquilidade e uma educação de que vão gosando recebendo sempre bons exemplos que os habilitarão a ser no futuro honrados o que não poderiam conseguir no desamparo e com as tentações da rua para onde o destino os atirou. N'essa hospitaleira insti-



O sr. ministro da justiça saindo com o sr. dr. Pedro de Castro

tuição tam-
bem se reali-
sou a festa
da arvore
com assisten-
cia do sr.
ministro da
justiça, de
varios politi-
cos e do sr.
gover nador
civil de Lis-
boa que fez
a evocação
da caridade
particular as-
sim como da
assistencia
infantil crea-
da official-
mente pela
Republica.

O sr. ministro da justiça falou tambem da utilidade d'essa instituição e de seguida fez se, no meio do maior entusiasmo, a planta-ção das seis arvores.

Os alunos da Tutoria executaram ain-
bem alguns exercios de ginastica que a
assistencia aplaudiu elogiando muito os
metodos d'ensino que ali se seguem.



Outro aspecto da festa da arvore na Tutoria da Infancia

(«Clichés - Benollel)

Homenagem ao maestro David de Sousa



A comissão organizadora do concerto do Politeama em homenagem ao ilustre maestro David de Sousa. Sentados, ao centro: a sr.^a D. Josefina Vaz Monteiro, Ilustre presidente da comissão, tendo à sua esquerda, o sr. Luiz Pinto, «academoseiello» Emilia Allen e o sr. Diamantino Delgado, e à sua direita o sr. Boavida Portugal, sr.^a D. Ermelinda Cordeiro e o sr. Tomaz de Lima. Em pé, da esquerda para a direita: as sr.^{as} D. Maria da Gloria Vasconcelos dos Santos, D.^a Irene d'Almeida, D. Leopoldina Cordeiro, o sr. Macedo e Brito e as sr.^{as} D. Amélia Gomes da Costa, D. Beatriz Arede Soveral, D. Laura Torres e D. Maria d'Alarcão. — Distintos solistas que tomaram parte no concerto: 1. sr.^a D. Josefina Vaz Monteiro, 2. sr.^a D. Ermelinda Cordeiro, 3. sr.^a D. Emilia Allen, 4. Sr. José Nunes Batista.



Um aspecto do palco durante o brilhante concerto organizado em homenagem ao distinto maestro David de Sousa, no teatro Politeama, gentilmente cedido pelo seu proprietário sr. Luiz Pereira. — (Clichés: Benoit)

Caricaturas de Amarelhe expostas no Porto



1. O sr. Arnaldo Braga.
2. O sr. Chaim Junior.

3. O sr. José da Silva Ribeiro.
4. O sr. Antonio da Silva Cunha.

O sr. Amarelhe é uma figura de destaque na pleiade dos novos caricaturistas portugueses.

A exata observação, a verdade na reprodução, a delicadesa no exagero de traços fisionomicos que não

as suas *charges* de alguns dos actores portugueses para que nós falêmos detalhadamente n'elas, em todo o caso não deixaremos de acentuar as *charges* de Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Chabi, Telmo e outros em que a expressão, o sen-



Sr. Lino Filho



Sr. Mario Rios

irrite, que nem sequer melindre o caricaturado, a finura do colorido, a jovial espontaneidade, a nitidez da expressão colhida em flagrante, todas estas qualidades, imprescindíveis para um caricaturista pessoal tem-nas o sr. Amarelhe no mais desenvolvido grau.

São muito conhecidas

fimento dos caricaturas dos subsistem nitidamente através a deformação proveniente do exagêro.

Ha alguns anos, quando o sr. Amarelhe expoz pela primeira vez em Lisboa, nós nos referimos aos seus trabalhos admirando o seu valôr de principiante.

De então para cá, em



Sr. Freitas Brito



Sr. José Maria Figueiró.

vez de parar na sua *fôrma*, foi-se modificando progressivamente, melhorando, acentuando cada vez mais a sua individualidade e o seu merito.

Hoje podemos colocar este delicado humorista a par dos vultos em evidencia no estrangeiro.

Entretanto Amarelhe é um novo, mas na sua juventude sentese a concisão, a

taneo caricaturista pessol. Tambem no barro, em *maquettes* coloridas, ele sabe colher o mesmo trinfo.

A atual exposiçõ no Porto mostra bem, pela abundancia dos quadros expostos, que ele possui tambem grandes qualidades de trabalho.

Em fim Amarelhe tem todas as condições preciosas para



Sr. dr. F. de M. e Matos



3. Sr. Sabido d'Almeida.—4. Adolfo Lobo Corrêa. — 5. Marcos Guedes.—6. Sr. Alfredo da Cunha. 7. Sr. Adriano Lencastre.

prudencia e o bom senso da maturidade, o que faz com que ele seja um artista na mais ampla acção da palavra.

Não é só no desenho que Amarelhe é o expon-



trunfar. e estamos certos que se ele continuar trabalhando com a mesma energia, o mesmo bom senso, com a mesma delicadeza terá em breve conseguido.

8. Sr. Guedes d'Oliveira.—9. Francisco Meireles. 10. mr. Strueve. 11. sr. Albano de Vasconcelos.

FIGURAS E FACTOS

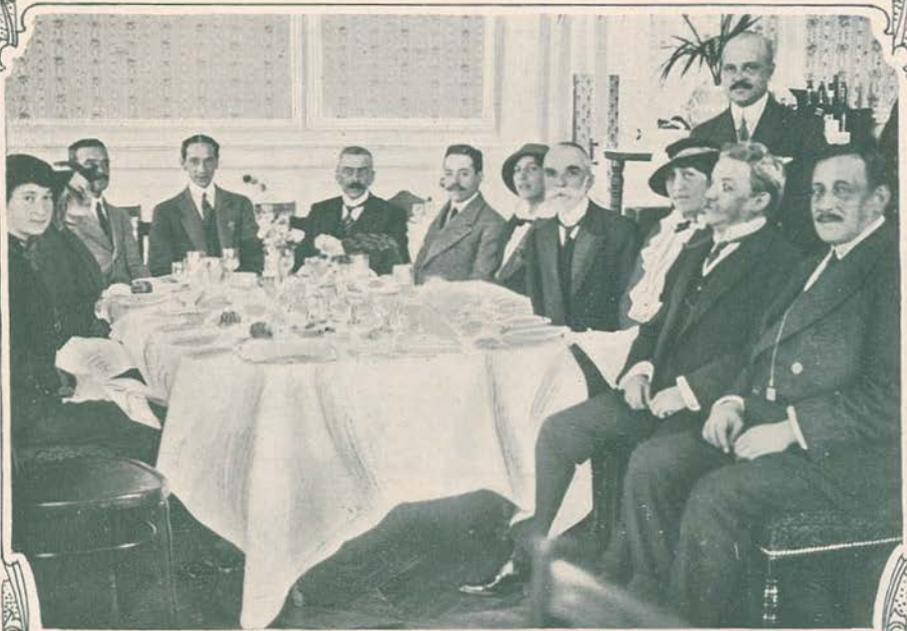
A festa da arvore teve uma nota isolada que nem por isso deixou de ser enternecedora. A sr.^a D. Conceição Costa tem um filhinho que não frequentando nenhuma escola não podia participar da festa da arvore mas o pequenito, que adora as flores, tendo lido que todos os meninos iam plantar a sua arvore com os seus camaradas, pediu para tambem dispôr uma, que fez com um frande eternecimento da extremosa mãe ante a sua alegria no jardim sito da sua casa e a qual foi oferecida pelo *Secul^o Agricola* que assim se associou ao entusiasmo do pequenito e á terna expansão maternal.



Uma lição encantadora: A sr.^a D. Conceição Costa, com o seu filhinho.

O sr. dr. Barros Moreira é um dos mais distintos diplomatas brasileiros e que foi nomeado ultimamente ministro do seu paiz em Bruxelas. A' sua passagem por Lisboa o sr. dr. Bernardino Machado ofereceu-lhe um almoço no Avenida Palace demonstrando-lhe assim o seu apreço.

O sr. dr. Barros Moreira seguiu depois no mesmo paquete que o trouxe do Brazil, o *Blucher*, tendo uma muito afetuosa despedida por parte dos representantes da grande Republica em Lisboa e do nosso ministro dos negocios estrangeiros.



O baquete em honra do novo ministro do Brazil em Bruxelas, sr. dr. Barros Moreira oferecido pelo sr. dr. Bernardino Machado no Avenida Palace e a que assistiram os sr. Veloso Rebelo e Belford Ramalho encarregado de negocios e secretario da legação do Brazil em Lisboa. (Clichê de Benoitte).

Figuras e Factos



O chefe d'Estado na inauguração do lactario da Cantina Escolar da Paroquia de S. José.

Foi inaugurado com a assistência do chefe do Estado o lactario da cantina escolar de S. José a qual vae prestar tantos serviços aos pequenitos pobres como a cantina os tem prestado aos estudantes desvalidos daquela area e que frequentam a escola. O sr. dr. Manuel de Arriaga foi ali alvo de uma grande manifestação.



Sr. Eduardo de Montefar Barreiros illustre diplomata, falecido em Lisboa.



Sr. Francisco M. Bacelar, recentemente falecido

O ato civil do casamento do sr. Schlegel com a sr.^a D. Chiara Gogolino foi celebrado no grande hotel Continental, onde os nubentes se achavam hospedados e o ato religioso no templo de S. Domingos. Foram testemunha e padrinho do noivo o sr. August Schmidt, dignissimo negociante da nossa praça e da noiva o sr. Bruno Karow. Depois dos atos officiaes foi servido um delicado copo de agua no Hotel Continental, a que assistiram além dos padrinhos e pessoas de familia dos nubentes, as sr.^{as} D. Ester Silva, D. Evangelina de Aguiar e os srs. Julian Revolar e Pedro Vieira Junior. Na corbeile da noiva viam-se riquissimos brindes.



Depois do enlace matrimonial do sr. Ferdinand Schlegel, conceituado negociante em Hamburgo e proprietario da importante fabrica de conservas em Aibufelra com a sr.^a D. Chiara Gogolino, gentilissima filha da sr.^a D. Petronia de Régni Revolar.



O novo estabelecimento de chapéus de senhora que foi inaugurado no bairro da Estrela com uma festa deveras interessante, é por todos os motivos modelar e merece as atenções do público que a ele tem concorrido apreciando os magníficos trabalhos que expõe e a gentileza dos donos da casa.



alguns dos nossos mais conhecidos artistas teatraes.

A *Caraboo* é um restaurant unico no seu genero que um rapaz novo e empreendedor dirige tendo-se tornado um lugar verdadeiramente elegante e que começa a ser muito frequentado por publico escolhido, entre o qual avultam.



1. O automóvel «Minerva» pilotado pelo sr. dr. Afonso Costa, forçando a passagem da Serra da Estrela através a neve. Os passageiros do automóvel eram além do sr. dr. Afonso Costa, os srs. dr. Germano Martins, Manuel Alegre e tenente Norberto Guimarães.—(«Cliché» Oneta).—2. O tenente sr. José Lobo Garcez Palla d'Abreu, recentemente falecido.—3. Sr. Antonio Vitorino Belo, guarda-livros, falecido em Lourenço Marques.—4. O novo estabelecimento de chapéus de senhora no bairro da Estrela, pertencente ao sr. Manuel Antonio Garcia, e que é um belo melhoramento n'aquela excelente bairro.—5. Sr. Manuel Rocha, proprietário do restaurant A «Caraboo».—6. A «Caraboo» o novo restaurant da rua dos Anjos.—(«Clichés» Benolle).



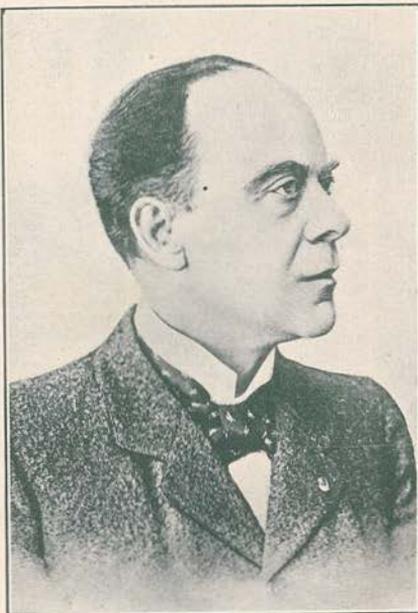
TEATRO



A CASTELÃ no Teatro da Republica Eduardo Brazão

O Teatro da Republica fez resurgir, para festa artistica de Eduardo Brazão, «A Castelã».

Deliciosa esta comedia, que um fio de ternura anima e que uma delicadeza, eminentemente parisiense, doira desde a primeira á ultima cena. Alfred Capus é o comediografo do otimismo e da elegancia. As suas peças começam n'um sorriso e acabam n'outro sorriso. N'este teatro, amavel e espirituoso, tudo se passa entre gente corrêta e tudo se harmonisa no mais feliz dos desenlaces. Os desenlaces de Capus! Os finais das peças de Capus! São o seu grande segredo — e depois de Dumas, filho, não conheço nenhum que te-



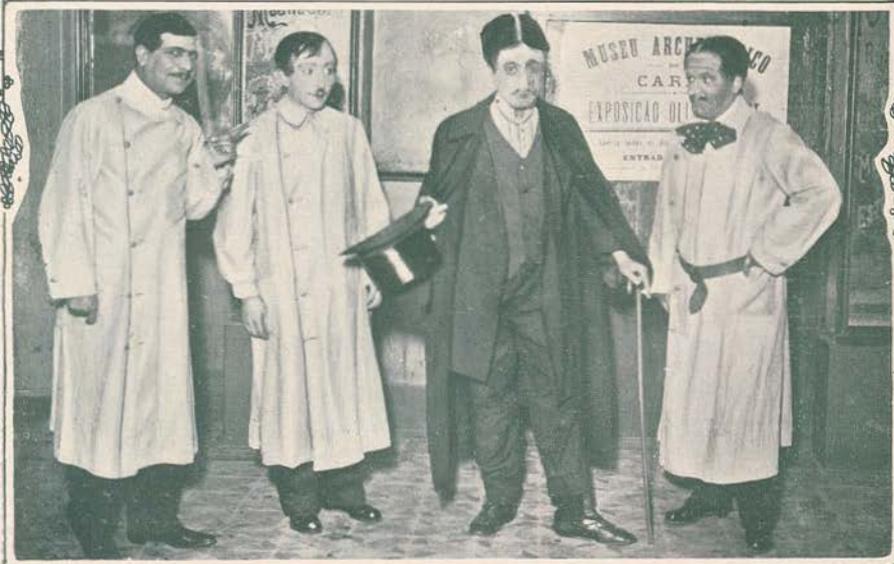
nha sabido pôr, no desfecho de uma intriga, tanta dose de bom humor, de graça, de risonha e transigente filosofia!

«A Castelã» dá-nos ensejo de admirar Eduardo Brazão n'um d'aqueles papeis de alta comedia que o grande ator sabe compôr com uma perfeita elegancia.

GAIO SABIO, novo quadro da revista PAZ E UNIÃO no Teatro Apolo

Os actores da revista «Paz e União» intercalaram na peça um quadro novo, de franca e desopilante farça, a que deram o titulo de «Gato sabio». É uma «charge» pitoresca, bem movimentada, com tres ou quatro excellentes caricaturas, que o publico do Apolo todas as noites aplaude.

A. DE C.



1. O ator Eduardo Brazão. 2. Os actores Nascimento Fernandes, Jorge Grave, Pinheiro e Correia no quadro novo «O gato sabio» da revista «Paz e União».—(Clichê de Benoitel)

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quíromancias, cronologia e fisiologia e pelas aplicações práticas das teorias de Gall, Lavater, Desarrolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, alemão, inglez, italiano e hespanhol. Da consultoria diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete;



43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a 1800 rs., 2850 e 5800r.

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida.

O seu poder extraordinario de ler as vidas humanas, seja a que distancia fór, assombra todos aqueles que lhe escrevem.

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida têm tirado bom proveito dos conselhos d'este ho-



men. Diz-lhes quaes os questios que as suas capacidades lhes promettem e de que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos, e descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descrição que faz do que diz respeito aos acontecimentos passados, presentes e futuros causar-lhes ha espanto, e servir-lhes ha de auxilio. E tudo quanto este preceito para o gutar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escrito pela propria mão d'ela) a data do nascimento e a declaração do sexo.

É escusado mandar dinheiro. Quem o nome d'este jornal e obteria uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto ler quizer aproveitar este oferecimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome, apelido, morada, e a data do seu nascimento (dia, mez e ano, tudo bem claramente escrito e explicado), e quer seja senhor, senhora ou menina solteira, copiando tambem pela sua letra os versos seguintes:

São milhares os que nos dizem
Que daes conselhos sem par:

Para atingir a ventura,
Queréis-me o caminho ensinar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pode juntar ao pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 50 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. N. Palais-Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franquiadas com 50 réis, moeda portugueza (ou 20) réis moeda brasileira).

Comprem os Bordados **Schweizer**

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suizo sobre cambracia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa colleção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suisse

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obter-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saude, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor YVALO, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.

Para encadernar a

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

A' venda artisticas e elegantes capas em percalina para cada semestre ao

Preço 360 réis

Remetem-se pelo correio a quem enviar a importância em ordens postaes ou vale do correio

Procede-se tambem ao trabalho de encadernação devendo para isso ser enviada alem da coleção e do custo da capa, 240 réis para o empaste e 100 réis para o transporte depois de pronta.

Administração do SECULO

Rua do Seculo, 43—LISBOA

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzá), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), as saladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CRÈME TOKALON

Un Seguro contra as Rugas

O MEIO DE FAZER COM QUE A SUA CARA PAREÇA SEMPRE JOVEM, E DE A LIVRAR PARA SEMPRE DAS RUGAS

A Bella SERRANA de Ba-Ta-Clan, Paris, da qual damos abaixo a photographia, declara :
 " Dizem que en tenho uma pelle bonita. Se isso é verdade, é graças ao
 :: CREME TOKALON ::



• O CREME TOKALON, o maravilhoso creme de toilette francez, que não engordura e que é facilmente absorvido pela pelle, é o melhor seguro que V. S.^a possa ter contra as rugas e os signaes de idade avançada. Contem nata fresca e azeite de oliva puro, previamente preparados por meios chymicos e purificados em fogo lento. Estes elementos fortificantes da textura, estam promptos a ser immediatamente absorvidos por ella. O seu fim é de fortalecer a derma sob a pelle, de a nivelar, tornando a assim absolutamente uniforme, sem o menor vestigio de defeitos ou de rugas. As senhoras que applicam o *Creme Tokalon* antes de se deitarem ficam admiradas da mudança que notam no seu aspecto ao acordar no dia seguinte.

E' ideal para applicar e fazer adherir os pós, e, mesmo com os grandes calores, a pelle não se mostra nunca encarnada ou luzidia, porque este creme é fabricado especialmente com o fim de absorver a transpiração. Amassando entre os dedos um pouco de *Creme Tokalon*, comprehendera V. S.^a a sua textura particular. Elle possui tambem um perfume muito fino e delicioso. Vende se agora em boíões com tampa hygienica, o que o livra completamente da poeira, da humidade e dos microbios; está muito bem empaquetado, e recommenda se para as viagens.

COMO SE PODE FAZER
 - - A EXPERIENCIA - -
 - DO CREME TOKALON -
 SEM A MENOR DESPEZA
 no caso de elle não agradar

Todos os perfumes *Tokalon*, os seus pós para a cara e outros productos de toilette acham-se à venda nas melhores lojas de Lisboa e do Porto.

Applique o conforme as instrucções, e se não ficar completamente convencido de que o *Creme Tokalon* lhe dará excellentes resultados, e que é superior a todos os outros productos de toilette de que tem já feito uso, o preço que terá pago, ser-lhe ha restituido immediatamente com o simples pedido dirigido a

TOKALON, 7, rue Auber, PARIS

Eis aqui um seguro simples e pouco custoso para conservar a sua cara sem rugas